

Moradores de Rua no Centro de Triagem da Fundação Leão XIII: Experiências, Reflexões e Relações Interpessoais

Maria Licia Torres^(*)

Introdução

A Fundação Leão XIII, órgão vinculado à Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro, possui ao todo cinco unidades: Higienópolis (Centro de Triagem), local este que está sendo realizada as referidas reflexões, Itaipu, Campo Grande, Sepetiba e Itaboraí, onde todas garantem abrigos aos moradores de rua, que recebem alimentação e cuidados referentes à saúde.

Todos os centros sinalizados contam com equipes de vários profissionais que compreendem: assistentes sociais, psicólogos, médicos, dentistas, entre outros. Tais especialistas desenvolvem ações diretas de prevenção, inserção e promoção social nas comunidades carentes e em bolsões de pobreza em todo o Estado.

A maioria da população de rua atendida na Fundação é do sexo masculino, compreendendo pessoas entre 25 e 64 anos de idade, dos quais 40% situadas da capital do Rio de Janeiro, 15% de outras cidades do estado e 35% vindas de estados do Brasil. A população se encontra nesta situação de pobreza em razão de vários fatores como: extrema vulnerabilidade física, mental e social; doentes, muitos deles idosos e portadores de deficiências que foram abandonados por suas famílias, além de outros, todos apresentando, de modo geral, um longo e triste histórico de vida nas ruas e asilos.

(*) Doutora em Educação pela UFRJ; Mestre em Educação pela UNESA; Psicopedagoga; Psicomotricista e Especialista em Informática Educativa. Professora de Graduação da MSB e do Curso Normal Superior do Isezo/Faetec; Professora da Pós-Graduação do Projeto Progredir (Universidade Castelo Branco); Coordenadora Pedagógica dos Ceteps/Faetec.

As pessoas atendidas participam de atividades de cunho sócio-educativas promovidas pela própria Fundação, com o objetivo primeiro de tentar resgatar a auto-estima, a reaproximação da família e reinserção no mercado de trabalho.

A Fundação é descentralizada em 18 Pólos Regionais e administra 47 Centros Sociais nas áreas metropolitanas do Rio de Janeiro e 76 Núcleos de Atendimento ao Cidadão no interior do Estado.

A Instituição tem como atribuição básica: atuar como órgão executor das políticas de assistência social do Estado do Rio de Janeiro, exercendo as funções de assessoramento, gerenciamento, coordenação de programas e projetos sociais, articulando e/ou implementando serviços assistenciais de âmbito regional ou local complementando, se necessário, as demandas de atendimento dos municípios.

Não é objetivo do presente artigo discutir as ações da Fundação Leão XIII e tampouco realizar uma narrativa histórica dessa instituição, mas apenas relatar as experiências surgidas nas atividades e nas relações interpessoais com os alunos, buscando a relação de identidade dessa população tão sofrida e discriminada pela sociedade.

No mês de setembro, a Fundação Leão XIII, procurou a Diretoria de Integração Social e Tecnológica – DIST, diretoria esta criada no ano de 2007, pela FAETEC, com vistas a uma parceria na oferta de cursos profissionalizantes à moradores de rua. Ambas voltadas, então, a esse desafio e comungando objetivos comuns. O projeto de curso intitulado Auxiliar de Serviços Gerais foi elaborado com previsão de 96 horas, aulas de 3 (três) horas diárias e 4 horas/aula, tendo em vista o breve trânsito dessa população na Fundação (dois meses). Como dado superveniente ao projeto original, uma vez implementado o curso, em função da demanda dos cursistas, foram acrescidas mais 6 (seis) horas/aula de atividades extracurricular dedicadas ao espaço de discussão das relações interpessoais, com três sessões de 2 horas aulas, distribuídas no início, meio e fim do curso, com o objetivo de diagnosticar, acompanhar e avaliar o desenvolvimento da população-alvo em seu processo de aprendizagem, o andamento das atividades e, finalmente, a avaliação do curso pelos integrantes da Fundação Leão XIII.

Este relato de experiência objetiva, a partir dos conceitos teóricos de identidade, diferença, tática e estratégia, compreender as discussões das vivências experimentadas

durante todo o processo do curso de formação inicial e continuada de trabalhadores, além dos assentamentos colhidos a respeito da relação ocorrida entre os alunos e os professores.

Durante a atividade inicial desenvolvida e vivenciada no curso, emergiram dados até então ignorados acerca da escolaridade e área de formação dos cursistas, sinalizando que na maioria das vezes, as pessoas possuem o Ensino Médio completo ou incompleto, o que os torna de certo modo conscientes das condições de moradia nas ruas, devido a dificuldades no relacionamento com os familiares, mormente decorrentes do uso de drogas e bebidas alcoólicas.

Foi constatado que, de um modo ou de outro, oportunidades de emprego um dia surgiram, mas a dificuldade de superar a realidade aliada à doenças e à falta de assistência social para vencer a discriminação reinante e as vicissitudes da vida na rua, contribuiu de algum modo para a perda da auto-estima, da identidade e da condição de cidadão como requisitos essenciais de processo de conquista da dignidade humana.

Os moradores de rua

Falar de moradores de rua é falar mais do que uma injustificável omissão informativa. A situação inclui dupla exclusão. Primeiramente pela família, por se tratar de milhares de brasileiros, forçosamente vitimados pela insuficiência de investimentos sociais e programas de geração de emprego e renda. E em segundo lugar pelo Estado, omissos na tarefa de levantamento das informações sobre este crescente extrato social e direcionamento de políticas públicas e ações governamentais de atendimento aos excluídos.

Pesquisas recentes revelam que a cada ano aumenta o número de moradores de ruas, assim como cresce o número de usuários de albergues, sobretudo aqui na cidade do Rio de Janeiro. Resta então uma pergunta que não se cala. O que os governos, sejam eles municipais, estaduais ou federais, têm feito para solucionarem em conjunto esta situação?

Moradores de rua, conforme a designação, são um símbolo da desigualdade social e de um sistema excludente, que se exterioriza no cotidiano dessas pessoas alijadas da vida produtiva. Marcadas por trajetórias conturbadas, por problemas familiares, pelo preconceito e pela falta de acesso às condições mínimas necessárias de sobrevivência digna, uma

grande quantidade de pessoas, a cada ano, passa a morar nas ruas, pessoas que anteriormente tiveram moradia, lar e família (marido, esposa, filhos, mãe, netos, etc.).

Muitas vezes a reinserção na sociedade e na família de um morador de rua não evolui por diversos motivos. A dificuldade em superar um vício, a falta de vínculos criados entre os familiares, o comprometimento mental gerado pela vida nas ruas, e sobretudo, a falta de auto-estima, que leva à perda da identidade, reduz progressivamente as chances de sobrevivência digna desse indivíduo na sociedade. Muitos, por isso, preferem permanecer no anonimato, tão céticos de uma ressocialização.

Muitos marcados pelo estigma da mendicância, têm grandes dificuldades em se imaginarem integrados novamente à sociedade, sentindo-se diferentes, exóticos, ou fora do contexto, com dificuldades de resgatar a sua identidade há muito perdida, restando, então, a vida nas ruas, mesmo tendo que lutar como leões pela sobrevivência na selva urbana.

Afinal, qual o conceito de identidade e de diferença para a população de rua? Podemos conceituar identidade e diferença, nas idéias de Tadeu da Silva (2000), como sendo aquele intimamente relacionado à noção simbiótica, pois à medida em que afirmamos qualquer elemento identitário afirmamos também uma cadeia de negações. “Desta forma, as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade [...] Identidade e diferença são, pois inseparáveis” (p.75).

Em outro aspecto, o autor diz respeito à identidade e à diferença, como sendo ativamente produzidas no contexto de relações culturais e sociais, afirmando que:

Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, elas são disputadas [...] A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais [...] A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir (pp.81-82).

Entendemos que a identidade da população de rua encontra-se completamente desvinculada da escolha do indivíduo, assim como da opção pelas condições de moradia. É como se não tivesse vontade, destino ou até pátria, porque aos olhos da mesma, esta se vira contra ele de uma forma perversa, dando-lhe as costas e mesmo ignorando a sua existência, fingindo que não existe. É o chamado contingente invisível.

Podemos afirmar que os moradores de rua elaboram sua territorialidade e várias táticas em virtude das contingências que lhes permitem uma sobrevivência mínima nas ruas, numa disputa diária por espaço. Na conceituação de tática, Michel de Certeau (2003) afirma ser “a arte do fraco”, onde o fraco pode ser entendido como aquele usuário ou consumidor e, portanto, “a tática é o movimento do campo de visão do inimigo” (p.101) a exigir astúcia na luta diária pela afirmação de cada “território”.

Em Davi e Golias, simbolizado por Chalitas (2005) para ilustrar a arte do forte e do fraco, temos, na verdade, uma espécie de épico, que narra a guerra entre estas duas categorias. Davi vence a batalha contra o gigante Golias utilizando como armas a coragem, a garra e a determinação próprias dos que lutam contra as injustiças e as desigualdades sociais. A rigor, não deixam de ser “heróis de todos os tempos que não se deixam abater pela descrença alheia, pelo negativismo, pelas adversidades. Soldados do bem que se alimentam e se revigoram com o seu otimismo e a sua vontade de superar desafios” (p.65).

Eis a realidade da guerra dos moradores de rua para lutar e administrar a sua territorialidade, contra os invasores que os ameaçam dia após dia. Conforme Escorel (2000), em disputa pela territorialidade, a população de rua distribui-se na geografia das cidades segundo

as possibilidades de obtenção de rendimentos e de resolução de suas necessidades básicas. Entre estas, verifica-se que, num primeiro momento, segurança e cobertura (abrigo ou teto) são os principais requisitos. Em seguida, para sobreviver nas ruas, os locais são escolhidos segundo as possibilidades de oferta de água, alimentos e/ou doações e rendimentos. O mais difícil é conseguir um local onde possam de maneira regular tomar banho, lavar roupa e limpar seus pertences. A dificuldade de acesso à água e à higiene é relativamente homogênea em todo território urbano (p.147).

Relato de experiência

a) O primeiro encontro

A aula inaugural do curso aconteceu no dia 2/10/07 com a presença da vice-presidente da FAETEC, da Coordenadora dos CETEPs e de alguns professores destinados a ministrar disciplinas no curso. No dia seguinte, contando com a presença de 32 (trinta e dois) alunos, foi feita uma dinâmica de apresentação, buscando diagnosticar o nível de

aprendizagem dos discentes, sendo solicitado que cada um deles desenhasse o “hoje”, o primeiro dia de aula e as suas perspectivas do “amanhã”, término do curso.

Observou-se que a esperança ainda prevalece no íntimo de cada membro da população de rua, apesar de vitimados pelo sofrimento e pelas mazelas. O emprego, a moradia são metas sonhadas por todos, sem anacronismo perverso na face crua das circunstancias difíceis esperávamos dos presentes, a luta pela sobrevivência nas ruas contra a miséria, a fome, o frio, a falta de perspectiva no amanhã e de esperança, entre outras vicissitudes.

Num mundo cada vez mais veloz, competitivo e desigual, não se pode perder de vista é a esperança em cada um de nós seres humanos, “sob pena de nos tornarmos áridos, duros e ressequidos como o chão e como algumas almas descritas nas obras de Graciliano. Sem esperança, torna-se inviável viver” (CHALITA, 2005, p.80).

Na reflexão destas experiências, através dos desenhos feitos pelos integrantes da Fundação Leão XIII, na dificuldade de abarcar o universo, selecionamos cinco entre a produção dos 32 (trinta e dois) alunos presentes, como ilustração, significação e representatividade da vida dessas pessoas.

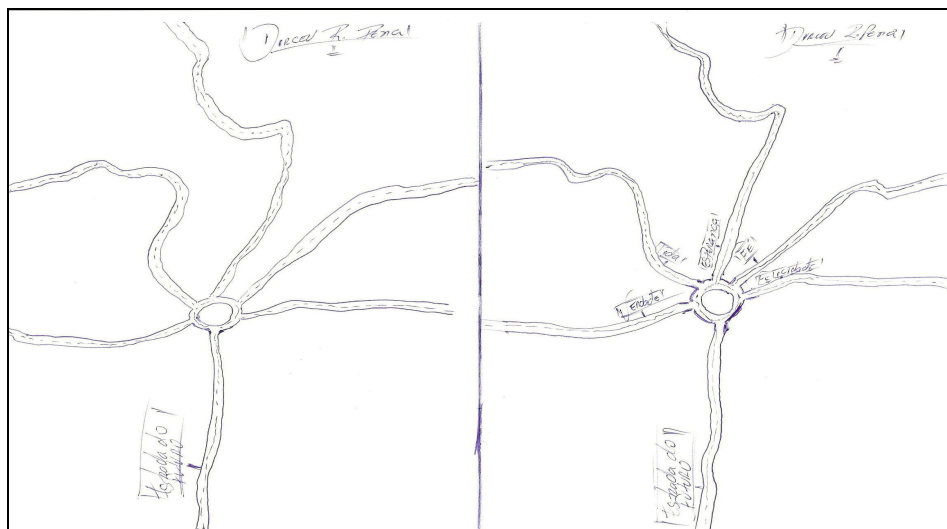
No desenho a seguir, pode-se afirmar a velada e calada esperança depositada no curso. Conforme relato pessoal do autor, seria a subida com a tocha para iluminar os degraus da oportunidade trazida com o curso, embora não consiga se libertar de um horizonte negro. Sonha com a certeza do que curiosamente vem a ser o amanhã na conquista do lar, do trabalho, das compras no supermercado e do jornal diário, uma espécie de símbolo que o coloca em sintonia com o dia-a-dia dos “iguais”, o noticiário.



Nesse contexto, a tristeza de quem não tem trabalho, moradia e dignidade como indivíduo participante da sociedade de consumo, é um dos maiores dramas pessoais do mundo de hoje. O desenho de Flávio, 32 anos que, como outros, prefere não se identificar, mostra que o povo não precisa de esmola, de caridade, como caminho de submissão. O povo precisa e quer dignidade, portanto, carece de trabalho que outorga essa dignidade. Seja jovem, seja velho, seja homem ou mulher, o trabalho é o caminho da sustentação e da autonomia. É o meio de se sentir útil e produtivo com o suor de seu ofício. Eis porque, “o trabalho capacita para a vida, e como tal deve ser encarado como essencial e imprescindível à manutenção dos ideais humano”, adianta (CHALITA, 2005, p.96).

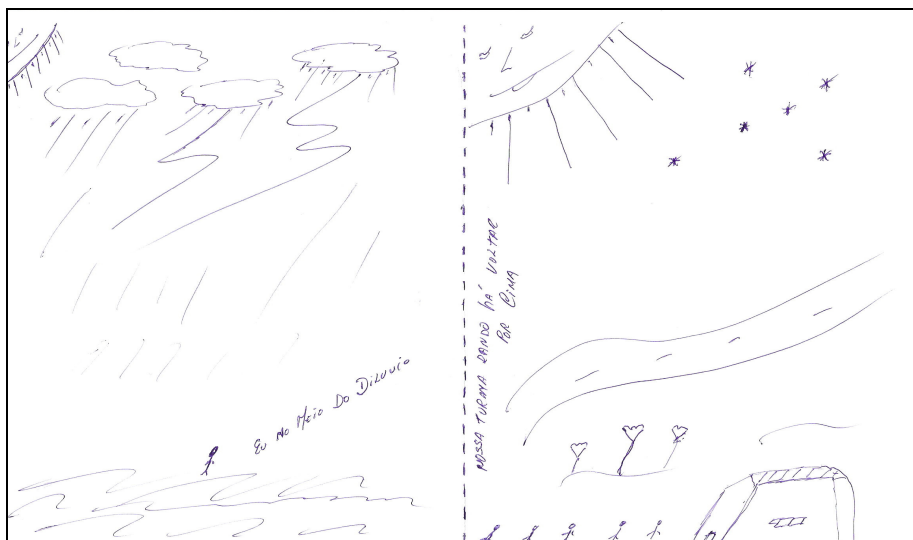
Assim o vitimado sente na pele a necessidade urgente das políticas públicas, tão esquecidas para a criação de empregos e a distribuição de renda justa para a população.

No desenho seguinte, a idéia do cursista é simbolizada por uma estrada do futuro sem o curso, marcada por uma encruzilhada sem direção, sem rumo, onde ele, apesar de ver e divisar a necessidade, não consegue seguir nenhuma rota e direcionar um horizonte, ao se deparar com uma névoa desconhecida, triste e sombria. Em suas perspectivas futuras, após o curso, antevia uma estrada do futuro, trilhada por placas que apontassem sinalizações através das palavras: felicidade, fé, esperança, vida e verdade.



Humildemente, por sua vez, Dirceu, aos 27 anos, enxerga as suas limitações, os seus problemas, seu caminho e as suas atitudes frente à perspectiva sem oportunidade de emprego. Traz consigo um otimismo exuberante quando desenha a sua estrada após a conclusão do Curso de Auxiliar de Serviços Gerais, que ora frequenta com otimismo e vontade de viver, divisando no seu íntimo estradas que frisa demarcar no desenho, na expectativa de que o levarão para locais almejados e sonhados.

O desenho feito por Marcio, 34 anos, sinaliza o “hoje” como estando no meio de um dilúvio, representado pela vida que leva nas ruas da cidade. Não deixa de ilustrar a luta contra as tempestades fortes para sua sobrevivência e desenha o “amanhã” com os seus demais companheiros de infortúnio, como uma espécie de “volta por cima”, moldurada por uma estrada com flores, céu estrelado e pessoas saindo de suas casas rumo ao trabalho e a um futuro certo e feliz.



Flávio, aos 32 anos, como todos, neste projeto Leão XIII/FAETEC deposita toda a sua esperança de um sonhado emprego no Metrô, pois logo no início do curso, precisamente na aula inaugural, ouviu a promessa de que todos aqueles que se destacassem durante as atividades elaboradas nas disciplinas propostas, teriam uma colocação garantida na empresa, que antes havia oferecido em cortesia algumas vagas de Auxiliar de Serviços Gerais aos concluintes.

Observa-se claramente no desenho de Flávio, as idéias simbolizadas através do “hoje” na palavra FAETEC, e, as do “amanhã”, quando se vê rumo ao Metrô, como coroação de seu esforço e sua persistência na conquista da vaga prometida.



O desenho de Aluizio dos Santos, 60 anos, mostra claramente um sol brilhando no início do curso e de uma perspectiva de profissão, e, logo depois, um navio, cujo nome intitula vitória, com gaivotas voando no céu e, marcando a trajetória de sua vida após as aulas, com sucesso garantido como um novo horizonte após a sua conclusão.



b) O segundo encontro

O segundo encontro ocorreu, como previsto, logo após a metade do curso, no dia 07/11. Nesta fase, era evidente a evasão de muitos participantes, cerca de 50%, restando apenas 16 alunos, estando presentes neste dia 11. São ainda desconhecidos os motivos da evasão, assim como as dificuldades ou empecilhos que cada um enfrentou para a presença diária nas atividades.

Neste encontro foi desenvolvida uma dinâmica onde foi solicitado a todos os integrantes que representassem a figura humana, o que sentiam em seu corpo e o que esperavam daí para diante. Foi explicado que o corpo fala, sente e se manifesta, por isso, muitas das vezes somatizamos os nossos sentimentos de medo, raiva, alegria, entre outros, através do corpo e esta deveria ser a representação da figura humana.

No início das atividades, a maioria dos alunos, num total de dez participantes pintaram a figura solicitada com a cor verde que a literatura pertinente diz significar ansiedade. Dois deles pintaram integralmente de verde, sendo, portanto, a cor predominante na dinâmica. Dois inseriram além do verde, a cor marrom, ligada ao medo. Seis pintaram a

cabeça de amarela o equivalente à felicidade, talvez pensando no término do curso e vislumbrando a reta final, sem predisposição a antepor outro obstáculo. Apenas um participante pintou toda a figura de marrom, que indica medo, provavelmente temeroso de enfrentar a vida e o trabalho lá fora. Percebe-se, neste sentido que a maioria dos participantes do curso está ansiosa para terminar, e afinal saber se foi escolhida para a vaga no Metrô, sendo esta, uma grande oportunidade de inserção no mercado de trabalho, ascensão social e dignidade.

Outro trabalho desenvolvido nesse encontro, uma dinâmica para ilustração e discussão das virtudes, com o objetivo de perceber que no trabalho, na família e na sociedade em geral, enfrentamos virtudes para a socialização, a saber, paciência, humildade, respeito, perseverança, bondade, gratidão, compromisso, simplicidade, amizade e, por último, o amor que sublima todas as anteriores, pois todo trabalho realizado com amor, ajuda a romper barreiras. Foram apresentadas frases que falam das virtudes para que eles a lessem todos os dias até o término do curso, lembrando que é preciso exercitá-la diariamente com coragem e ousadia. Chalita (2005) afirma que as dificuldades, os conflitos, as guerras e a tolerância que gradativamente se apoderam do mundo são resultado da inversão total de valores que predomina nas sociedades,

configurando um tempo em que até mesmo a esperança parece estar mais escassa. Cabe a nós estarmos conscientes da importância de nosso papel e amparar, reerguer, reavivar os sentimentos, valores e atitudes que poderão renovar a confiança em dias melhores” (p.11).

c) O último encontro

O último encontro, realizado no dia 23/11, teve início com a dinâmica de avaliação do curso, estando presentes 11 alunos. Muitos colocaram como ponto forte do curso, a oportunidade que estão tendo; o aprendizado e o aperfeiçoamento no decorrer do curso; as aulas ministradas pelos professores, assim como, a atenção e a paciência de todo o corpo docente para com o grupo; as mensagens de auto-estima, perseverança e principalmente a oportunidade de emprego. Os pontos fracos, para a maioria dos participantes, foram os relacionados ao horário do curso ter sido oferecido a tarde e não na parte da manhã; alguns dias no calendário sem aula; o local onde foi ministradas as aulas, com muito barulho, atrapalhando às vezes, a atenção nas atividades. Para outros, a

desistência de seus colegas foi um dos fatores mais triste, porque os mesmos deixaram de adquirir a oportunidade para mudarem as suas vidas.

Outra atividade desenvolvida neste dia foi a criação de uma vila com casas coloridas escolhidas e construídas por eles. Todos se envolveram na dinâmica com perseverança e determinação, denominando a de “Vila da amizade”, onde vivem os vencedores que conseguiram chegar ao final do curso, enfrentando todos e tudo que os levassem contra a proposta de trabalho para uma vida com dignidade.

Considerações finais

Embora seja bastante complexa e tremendamente complicada a questão dos moradores de rua, vista como constituída de pessoas marginalizadas, estigmatizadas, exóticas, diferentes etc. São afinal duplamente vitimadas – pela vida e pela exclusão. Esperamos que este trabalho, resultado de nossos esforços e reflexões, possa de alguma maneira contribuir para alavancar novas discussões que levem à produção de materiais de debates e/ou questionamentos em relação às condições precárias dos moradores de rua e das instituições que os atendem e os abrigam. Mesmo que parcialmente alcançado, o objetivo terá valido a pena o intento conjunto Fundação Leão XIII/FAETEC que visa, *a priori*, perseguir projetos tecnológicos e de integração social que ajudem aos jovens e adultos que não tiveram oportunidades de inserção no mercado de trabalho e um caminho por eles visto como conquista da dignidade.

É esperado que esta não seja apenas a primeira e última iniciativa para melhorar a vida dessas pessoas desassistidas. Que outros cursos ou iniciativas surjam e sejam elaborados e colocados em prática para que este projeto piloto seja apenas o início de muitos outros projetos que virão para integrar a população de rua na sociedade, na família e no mercado de trabalho.

É oportuno o momento em que se vive o horror provocado por guerras de intolerância, de conflitos étnicos, sociais, religiosos e culturais. Não podemos esquecer que estamos diante de um tipo de guerra não declarada, mas real e assustadora, a guerra da violência, da impunidade, da desonestidade, da falta de ética, da ausência de respeito, de amor ao próximo e da invisibilidade do outro.

O mal-estar da modernidade traz consigo a difusão da responsabilidade social e o não compromisso com os (des)caminhos da sociedade.

Referências

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHALITA, Gabriel. *Pedagogia do amor*. São Paulo: Gente, 2005.
- ESCOREL, Sarah. *Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro*. BURSZTYN, M. (org.), *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. _____ (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- www.leao.rj.gov.br, acessado em 16/10/07 às 15h40min.

Resumo: O presente relato de experiência pessoal, como dinamizadora em sessões específicas de discussão das relações interpessoais, aborda reflexões surgidas a partir de atividades realizadas no Curso de Auxiliar de Serviços Gerais ministrado pela Fundação de Apoio a Escola Técnica – FAETEC na Fundação Leão XIII, realizado com moradores de rua, selecionados e contemplados a participar durante o período de dois meses de estudos para inserção no mercado de trabalho. Apresenta como objetivo principal: registrar como se desenvolveu o curso e como tem avançado ao longo das atividades previstas na matriz curricular. Foi realizado levantamento dos registros das dinâmicas com desenhos, com músicas e outras técnicas utilizadas *in loco*, coletivamente avaliada logo após sua aplicação, buscou-se também algumas anotações de relatos de professores que compuseram a equipe docente e dados teóricos extraídos da literatura pertinente acerca de moradores de rua em situações difíceis.

Palavras-chave: Moradores de rua; oportunidades; dignidade; cidadania; mercado de trabalho.

Abstract: This current text talks about personal experience with dynamic actions in specific sessions about discussion among interpersonal relationship dealing with the

reflections that arose from activities that were done in the Cleaner Course at Supporting Technique School Foundation – FAETEC at Lion XIII Foundation. This project was done with the street residents, who were selected to participate during a period of two months, on how to insert these people in the work market. It shows as a main goal: to register how the course developed and how it has been developing during the previous activities in the main timetable. It was made a survey about all the registers which were done as dynamics experience using draws, songs and other techniques which were used in loco. They were evaluated after their application, besides this, there was an attempt to take some notes about teachers' opinions who participated of the teaching staff and theoretical data which were taken from books that belong to the street resident in difficult situations.

Key-words: Street resident; opportunities; dignity; citizenship; work market.